

# ALGUMAS NOTAS SOBRE A INDIVIDUALIZAÇÃO DE NOMES ABSTRATOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Alan de Sousa Motta

*Universidade Federal do Rio de Janeiro (Programa de Pós Graduação em Linguística, UFRJ)*

*E-mail: [alan.motta@live.com](mailto:alan.motta@live.com)*

---

**RESUMO:** Este trabalho é sobre a contabilidade nominal de nomes abstratos do tipo eventos (*explosão, pulo*) e estados (*fome, sono*) no português brasileiro. Temos com este artigo os seguintes objetivos: (i) traçar um diálogo entre a abordagem de distinção massivo-contável ontológica e nomes abstratos; (ii) investigar como o fenômeno da individualização se dá com estes nomes, observando a sintaxe e o contexto pragmático. Aqui vamos apenas esboçar estes fatores e analisar de que forma eles determinam as estratégias de individualização dos nomes abstratos e (iii) contribuir para a literatura massivo-contável que dê atenção a nomes abstratos, uma vez

---

---

**ABSTRACT:** This work is about the nominal countability of abstract names of events (*explosion, jump*) and states (*hungry, sleep*) in Brazilian Portuguese. This article aims: (i) to connect the ontological mass-count distinction approach and abstract names; (ii) to investigate how the phenomenon of individualization happens with these names observing the syntax and the pragmatic context. Here we will just sketch these factors and investigate how they determine the strategies of individualization of the abstract nouns and (iii) contribute to the mass-count literature that focuses on abstract nouns, since such class of nouns is neglected

---

---

que tal classe é negligenciada (KHOKHLOVA, 2014).  
(KHOKHLOVA, 2014).

**PALAVRAS-CHAVE:** nome abstrato; individualização; massivo-contável.  
**KEYWORDS:** abstract nouns; individuation; mass-count.

---

## INTRODUÇÃO

No âmbito nominal, temos nomes que pluralizam facilmente e conseguem se combinar sem dificuldades com numerais (cf. (1a)), já outros nomes não conseguem isso (cf. 1b)).

1. a) Eu vi dois cachorros no chão.  
b) \* Eu vi duas águas no chão.

A categoria massivo-contável procura estabelecer como e por que alguns nomes são contáveis e outros não. E existe uma literatura vasta sobre esse tema (CHIERCHIA, 2010; LIMA, 2014; STADTFELD, 2013; GRIMM, 2012; ROTHSTEIN, 2010; LINK, 1983; PELLETIER, 1979; BORER, 2005; SANDALO, 2018, entre outros). Quando analisamos a literatura massivo-contável, percebemos que ela trata majoritariamente sobre o domínio nominal. Contudo, somente um tipo de nome é investigado nestes trabalhos: os nomes concretos.

O foco deste trabalho é investigar como a categoria massivo-contável acontece com nomes abstratos, especialmente os nomes do tipo eventos e estados, uma vez que tal classe de nomes é negligenciada pela literatura massivo-contável (GRIMM, 2014; KHOKHLOVA, 2014). Este artigo vai se basear nos achados de Motta (2020) sobre a distinção massivo-contável com nomes abstratos.

Os nomes abstratos, assim como os concretos, possuem diferenças em sua contabilidade. Alguns se combinam facilmente com numerais (cf. (2a)) e o morfema plural (cf. (2c)), já outros nomes abstratos não (cf. (2b, d)).

2. a) O Guilherme viu duas explosões no posto de gasolina.  
b) \* O Guilherme sentiu dois amores.  
c) Os pulos desse atleta receberam nota máxima.  
d) \* As confianças desse atleta fizeram que ele tivesse um bom desempenho.

Neste trabalho, além de investigarmos como a distinção massivo-contável se dá com nomes abstratos, vamos analisar também sua individualização. Segundo Contini-Morava (2000), a individualização é uma propriedade semântica da sintaxe de uma língua. A individualização, no âmbito concreto, é geralmente pautada em indivíduos e em massa. Nomes contáveis individualizam indivíduos (cf. (3a)) e nomes massivos individualizam massa (cf. 3b)).

3. a) Tem quatro cadeiras nessa sala.
- b) Tem mercúrio nessa sala.

Nem sempre a sintaxe é clara para o tipo de individualização dos nomes. Em (4), temos o nome nu que pode ou não, a depender do contexto pragmático, individualizar um ou mais indivíduos.

4. O Marcos tem gato em casa.

*Gato*, em (4), pode individualizar mais de um gato ou somente um gato. Isso significa que a sintaxe, às vezes, precisa do contexto discursivo para determinar a contabilidade dos nomes.

Dito isso, vamos delimitar o que nós entendemos aqui como nomes abstratos. A nossa definição de nomes abstratos vai se fundamentar em Lyons (1977) que define nomes abstratos como entidades de segunda-ordem que denotam eventos e estados e que em vez de existirem, acontecem.

Dentro da nossa categoria de nomes abstratos, temos nomes que individualizam eventos (cf. (5a)) e outros que individualizam estados (cf. (5b)):

5. a) destruição, pulo, espirro, entrega, chute, explosão...
- b) fome, sono, cansaço, amor, coragem, confiança...

Agora que já apresentamos a problemática da distinção massivo-contável com nomes abstratos e expomos a noção de individualização, vamos observar como a abordagem ontológica, que é uma explicação sobre a distinção massivo-contável, pode ser aplicada a nomes abstratos.

## **1 A ABORDAGEM ONTOLÓGICA E SEUS PROBLEMAS COM NOMES ABSTRATOS**

Alguns pesquisadores procuram explicar a distinção massivo-contável sob diversos vieses. Uns optam por uma abordagem que explique a distinção pelo viés da semântica (WIERZBICKA, 1998; MCCAWLEY, 1979), outros pelo

viés sintático (ALLAN, 1980; PELLETIER, 1979) e ainda outros pelo viés semântico-pragmático (ROTHSTEIN, 2010).

Existe ainda um outro viés ao qual vamos ter um olhar mais atento que se chama abordagem ontológica. Esta abordagem procura compreender a distinção massivo-contável com base nas propriedades de mundo dos nomes contáveis e massivos.

A abordagem ontológica foi um modo de explicar a distinção massivo-contável a qual diversos autores se debruçaram (QUINE, 1960; GOODMAN, 1951; CHENG, 1973; KRIFKA, 1989; LINK, 1983, entre outros). Esta abordagem, em geral, se fundamenta em quatro propriedades que distinguiriam nomes contáveis de nomes massivos. A seguir, vamos apenas apresentar brevemente as propriedades e depois confrontá-las com as características de nomes abstratos. As propriedades são atomicidade, homogeneidade, cumulatividade e divisibilidade.

A primeira propriedade que vamos observar é a **atomicidade**. A atomicidade é a única das quatro propriedades que caracteriza um nome contável. Esta propriedade prediz que uma entidade não possui partes próprias, a fórmula proposta por Krifka (1989) para esta propriedade é a seguinte:

$$6. \text{ Atômico}(P) = \forall x[P(x) \rightarrow \exists y[y \leq x \wedge \text{Atômico}(y, P)]]$$

Podemos exemplificar a fórmula acima da seguinte maneira: um nome contável normalmente possui partes que já formam outras entidades, por exemplo, um cachorro possui “outras entidades” em sua composição, isto é, um cachorro é formado por olhos, cauda, orelhas, unhas, dentes... A propriedade de atomicidade prediz justamente isso, que as partes do cachorro não são próprias, ou seja, o olho, a cauda do cachorro não são um cachorro. Isso pode parecer meio óbvio, mas a composição mereológica (isto é, das partes) de nomes massivos é diferente.

As próximas propriedades a serem expostas são características de nomes massivos. A próxima propriedade a ser levada em consideração agora é a propriedade de homogeneidade. A propriedade de homogeneidade geralmente é resultado das duas próximas propriedades: a cumulatividade (QUINE, 1960) e a divisibilidade (CHENG, 1973).

A **homogeneidade** é uma propriedade que prediz que numa entidade, todas as suas partes são ela mesma. Tomando um exemplo de nome massivo, temos o nome *água*. Todas as partes da água são ela mesma. Enquanto nomes contáveis como *cachorro*, *celular*, *cadeira* e *sapato* possuem partes que formam outras entidades em sua composição, *água*, *mercúrio*, *ouro* e outros nomes



massivos não possuem partes que formam outra entidade, isto é, as suas partes são próprias da entidade.

A propriedade de **cumulatividade** prediz que uma entidade possui tal característica quando se acrescenta uma outra entidade de mesma natureza a ela e como resultado, o que temos é ainda a própria entidade. Isso significa que quando juntamos duas porções de água, o que temos é água. Já quando juntamos dois cachorros, o que temos são dois cachorros e não simplesmente uma massa de cachorro, como acontece com água.

Quine (1960) formaliza a noção de cumulatividade da seguinte maneira:

$$7. \text{ Cumulativo}(P) = [P(x) \wedge P(y) \rightarrow P(x \oplus y)]$$

A última propriedade, também chamada de Condição de Cheng (CHENG, 1973), é proposta pela mesma autora e caracteriza uma entidade que caso tenha uma parte dela retirada, aquilo que foi retirado é a própria entidade. Essa é a propriedade da **divisibilidade**. Traduzindo isto, temos o seguinte: se alguém retira uma porção de lama da lama, aquela porção retirada é também lama, mas se retirarmos a câmera de um celular (que é um nome contável), veremos que a câmera não é o celular.

A formalização desta propriedade se dá desta forma:

$$8. \text{ Divisivo}(P) = \forall x[P(x) \rightarrow \forall y[y < x \rightarrow P(y)]]$$

Agora vamos traçar um diálogo entre tais propriedades e a distinção massivo-contável presente em nomes abstratos. Começaremos primeiro com a propriedade de atomicidade.

Como vimos, nomes contáveis possuem a propriedade de atomicidade. Mas quando tentamos aplicar tal propriedade a nomes abstratos de eventos e estados, encontramos algumas dificuldades. Normalmente, nomes de evento são contáveis e nomes de estados são massivos (BRINTON, 1998). Mas a questão é: nomes abstratos contáveis (isto é, nomes de evento) possuem atomicidade? Tudo num crime é um crime ou tudo numa explosão é uma explosão? Será que uma entrega possui partes deste evento que formam uma outra entidade, assim como em entidades concretas como uma baleia, por exemplo, que possui partes que não são uma baleia, por exemplo, as nadadeiras, a cauda, os ossos? Se a aplicação de atomicidade a nomes abstratos não for possível, então entendemos que tal propriedade só consegue explicar parcialmente a distinção massivo-contável em nomes concretos.

A propriedade de homogeneidade (que caracteriza nomes massivos) se aplica a nomes abstratos, mas como vimos anteriormente, esta propriedade não conseguiria distinguir nomes massivos de contáveis. Por exemplo, tudo

num pulo parece ser um pulo, assim como tudo numa tristeza parece ser uma tristeza. A impressão que temos é que nomes abstratos possuem a característica de homogeneidade, independe de serem massivos ou contáveis.

É possível que a única das quatro propriedades que consegue se aplicar a nomes abstratos é a cumulatividade. Quando temos duas instâncias de uma mesma entidade, temos como resultado a mesma entidade. Isso significa que nomes massivos como *mercúrio* quando juntados com uma outra porção de mercúrio, temos uma porção de mercúrio maior. Mas quando nomes contáveis como *vaca* são juntados com uma outra vaca, o que temos são duas vacas e não uma massa de vaca. Da mesma forma, encontramos um paralelo semelhante com nomes abstratos. Vejamos os exemplos:

9. a) O pai sente amor pelo filho.  
b) A mãe sente amor pelo filho.  
c) → O pai e a mãe sentem amor pelo filho.
  
10. a) Teve uma explosão na fábrica.  
b) Teve uma explosão no posto de gasolina.  
c) ≠ Teve uma explosão na fábrica e no posto de gasolina.

Vemos no exemplo (9) que a instância do amor do pai e da mãe formam no final das contas ainda uma instância de amor pelo filho. Já em (10) não podemos dizer o mesmo. Uma explosão na fábrica e outra no posto de gasolina são duas explosões distintas e não formariam uma só instância de explosão.

O paralelo entre a propriedade de cumulatividade em nomes concretos e abstratos também não é exatamente a mesma coisa. SONO + SONO e ÁGUA + ÁGUA não dão como resultado o mesmo tipo de quantificação. ÁGUA + ÁGUA tem como resultado uma **quantidade** maior de água, já em SONO + SONO, o que temos é uma **intensidade** maior da instância de sono.

A última propriedade a ser aplicada a nomes abstratos é a divisibilidade. Achamos ser praticamente impossível dividir um nome abstrato como se faz com um nome concreto. Mas se imaginarmos uma separação das partes de *sono* ou de *entrega*, o que teremos ainda será sono e entrega respectivamente? Parece que esta é mais uma propriedade que não pode ser encaixada em nomes abstratos.

Das quatro propriedades analisadas, somente uma, a de cumulatividade, parece se adequar aos nomes abstratos e diferenciar nomes de eventos de estados.

Vimos que a abordagem ontológica dialoga pouco com a ontologia dos nomes abstratos. Outros autores já observaram isso antes (JOOSTEN, 2003; STADTFELD, 2013; GRIMM, 2012).

Mesmo que não possamos ter o auxílio de uma abordagem como a ontológica, podemos investigar a individualização dos nomes abstratos a partir de outros fatores.

## 2 ESTRATÉGIAS DE INDIVIDUALIZAÇÃO DOS NOMES ABSTRATOS

Allan (1980) postulou que a contabilidade de um nome não está no nome em si, mas no sintagma nominal. De fato, alguns itens funcionais ao redor do nome acabam por influenciar sua contabilidade.

### 11. Um/ uns/ o/ os pulo(s)

Nos exemplos (4) e (5), observamos exemplos de como a individualização acontece com nomes concretos e abstratos. Alguém poderia pensar que a individualização não é um fenômeno da morfossintaxe, uma vez que os exemplos que mostramos, não mudaram a natureza da própria semântica lexical. Com isso queremos dizer que o nome *gato* ainda individualizava indivíduo ou indivíduos (e isso depende do contexto) e os nomes de estado e evento individualizavam estados e eventos respectivamente sem precisar de quaisquer elementos funcionais. O próprio exemplo (11) mostra isso. *Pulo*, independentemente do tipo de artigo, ainda individualiza um evento.

Mas nem sempre é assim. Vamos ver que dependendo do contexto discursivo/pragmático, da sintaxe e da própria semântica lexical, a individualização do nome abstrato pode variar, inclusive interferindo na sua natureza lexical.

Primeiramente, nem sempre as individualizações de um item lexical vão ser de indivíduo ou massa para nomes concretos, às vezes, outros tipos de individualização entram em jogo. Além disso, nem sempre nomes contáveis vão ter sempre a individualização de indivíduos ou nomes massivos de massa. Existe um fenômeno na literatura massivo-contável chamado coerção. A coerção é responsável pela mudança de tipo do nome. Existem vários tipos de coerção e cada uma delas vai individualizar entidades diferentes.

Como já dissemos, nem sempre nomes contáveis vão individualizar indivíduos, eles podem denotar massa através da sintaxe e de um contexto substancial. A coerção em questão que realiza tal procedimento é o *Universal*

*Grinder* (ou Moedor Universal<sup>1</sup>) (PELLETIER, 1975). Ele pega um nome que denota indivíduo e o transforma em massa. Temos um exemplo de um nome contável que, dado o contexto substancial, individualiza massividade:

12. Tinha gato pra tudo quanto é lado.

No exemplo (12), podemos imaginar um contexto em que um acidente trágico tenha acontecido e que o corpo do gato tenha se despedaçado e se tornado uma massa. Isso significa que no exemplo acima, *gato* deixa de denotar indivíduos e denota massa.

O *Universal Sorter* (Classificador Universal) (BUNT, 1985) é um tipo de coerção que transforma nomes massivos em tipos contáveis.

13. Eu bebi quatro vinhos.

*Quatro vinhos* neste caso, pode se referir a quatro tipos de vinho. Estes vinhos podem ser italiano, francês, britânico e português, por exemplo. Neste caso, *vinhos* não denota massa ou indivíduo, mas sim tipos.

O *Universal Packager* (Empacotador Universal) (JACKENDOFF, 1991) também torna nomes massivos em contáveis. Desta vez, porém, o que se individualiza são embalagens. O exemplo (13), dependendo do contexto pode ser um resultado do Empacotador, isso se a individualização de *vinhos* não for tipos, mas sim garrafas, isto é, alguém bebeu quatro garrafas de vinho.

Se alguém vai a um restaurante, pode pedir o seguinte:

14. Me vê três águas, por favor.

Nesse caso, temos *três águas* individualizando embalagens de água (podendo essas embalagens ser garrafas, copos...). Em nomes abstratos, também temos estratégias de individualização que modificam a natureza nominal.

Um nome de estado como *tristeza* pode, assim como empacotamos nomes massivos como água, ser “empacotada” em eventos através do Empacotador Episódico (GRIMM, 2014). O Empacotador Episódico toma um nome massivo de estado e o transforma em eventos contáveis, assim como o Empacotador Universal toma um nome massivo concreto e o transforma em embalagens contáveis.

15. As tristezas que a Larissa passou não desestimularam ela.

<sup>1</sup> Ele é um moedor, pois toma um nome contável, o mói e depois o transforma numa massa.



Em (15), temos uma individualização de eventos, ou seja, eventos de tristeza. Isso significa que um nome de estado passou a evento através da coerção em questão. O *Universal Sorter* também está disponível para nomes abstratos. Isso significa que o nome massivo de estado *tristeza* passou a um nome contável de evento. Vejamos como o artigo definido também pode, dependendo do contexto sintático e discursivo, mudar a individualização dos nomes.

16. Os medos do Antônio atrapalham a vida dele.

O nome de estado *medo* deixa de ser um estado e passa a denotar tipos de medo (medo de assalto, medo do futuro, medo de morrer..) em (16). (16) também pode, dependendo do contexto pragmático, individualizar também eventos, isto é, eventos de medo que Antônio passou.

Já o *Universal Grinder* não parece estar disponível para nomes abstratos (GRIMM, 2014; STADTFELD, 2013). Mesmo porque a própria ontologia dos nomes abstratos parece bloquear tal tipo de interpretação massiva:

17. ? Tinha pulo pra tudo quanto é lado.

Mesmo que (17) fosse gramatical, a individualização de *pulo* ainda seria de eventos, pois a interpretação de massa seria muito estranha. Entretanto, a passagem de um nome contável a massivo não se dá unicamente pelo Moedor Universal.

Com nomes concretos, Beviláqua e Pires de Oliveira (2016) e Stadtfeld (2013) mostram que existem outras passagens de um nome contável a massivo. Beviláqua e Pires de Oliveira mostram que em português, o quantificador *muito* associado a um nome contável, pode desencadear uma leitura de volume. No experimento, os autores mostram com um experimento em que os falantes aceitavam como verdadeira a sentença *tem muito livro na sacola*, num contexto em que havia somente dois livros bem grossos numa sacola. Os autores argumentam que esse tipo de leitura não é uma leitura de *grinding*<sup>2</sup>, mas sim uma leitura de volume.

Já Stadtfeld mostra em alemão que o quantificador *mehr* (muito), quando combinado com nomes contáveis singular, pode desencadear uma leitura não de *grinding*, nem de volume, mas sim uma leitura qualitativa da entidade.

<sup>2</sup> Leitura de *grinding* nada mais é que uma leitura de coerção pelo *Universal Grinder*.

Vejamos o exemplo de Stadtfeld (2013):

18. Mehr Handy, weniger Gewicht  
“Mais celular, menos peso”

No exemplo (18), Stadtfeld compreende que *mehr Handy* (mais celular) na verdade é uma leitura, não de indivíduo, mas uma leitura qualitativa do nome singular contável. Mais adiante, o autor descreve um experimento em que dois carros estão sendo comparados. Um carro possui grande qualidade e prestígio social, é um *Porsche*. O outro possui uma qualidade mediana e nem tanto prestígio social, é uma van *Volkswagen*.

Depois de analisarem os dois carros, o participante do experimento lia uma frase no final: *wer hat mehr Auto?* (literalmente: quem tem mais carro?). A maioria dos falantes nativos de língua alemã escolheram o *Porsche* como *mehr Auto* (mais carro). Stadtfeld entende tal interpretação não como uma leitura massiva de *grinding*, mas sim uma leitura qualitativa.

Motta (2020) mostra que certos nomes abstratos contáveis, apesar de aparentemente não se submeterem ao *Universal Grinder*, possuem um modo de terem uma leitura massiva. Num experimento investigando o plural não individualizante<sup>3</sup>, Motta descobriu que alguns nomes abstratos contáveis pluralizados possuem surpreendentemente uma leitura massiva.

No experimento, os falantes eram confrontados com dois contextos utilizando o nome *regalia* (o experimento utilizou outros nomes abstratos). Num contexto, o personagem fictício possuía três pequenas regalias e num outro contexto, um outro personagem possuía uma única grande regalia. No final dos dois contextos, o falante deveria responder à pergunta: *quem teve mais regalias?* O resultado mostrou que os falantes tiveram uma preferência pelo segundo contexto, isto é, em que um personagem possuía uma única grande regalia.

Isso mostra que a leitura para este tipo de nome abstrato não é uma leitura de *grinding*, pois *regalia* não possui massa, nem também é uma leitura de volume, porque, assim como *grinding*, volume é aparentemente uma interpretação disponível somente para nomes abstratos. A leitura qualitativa de Stadtfeld (2013) parece ser a saída, mas mesmo assim, achamos que não é bem a qualidade do nome que está em questão. Motta (2020) defende que estamos diante de uma individualização de grau/ intensidade. Isso significa

<sup>3</sup> O plural não individualizante é um tipo de plural que não desencadeia uma leitura de indivíduos múltiplos.

que uma única grande regalia é *mais regalia* do que três pequenas regalias, pois esta única grande regalia tem um grau/intensidade maior de regalia.

O mecanismo descrito em Motta para designar tal fenômeno foi o Qualificador Episódico. Ele toma um nome contável como *dor* e o transforma numa entidade que pode ser mensurada por grau. Logo, uma pessoa que teve uma grande dor teve *mais dores* do que alguém que sentiu três pequenas dores.

Isso significa que o morfema -s em português pode ter vários significados atrelados a ele. Um canônico e outro mais marginal. Pensemos no morfema diminutivo -inho. Em geral, tal morfema indica uma forma diminuta do padrão, um cachorrinho é a forma diminuta de um cachorro.

O morfema -inho, contudo, tem outros significados. Ele pode ser usado, por exemplo, para inferiorizar um indivíduo, como um policial. Um policialzinho pode tanto ser um policial pequeno de estatura, quanto um policial ruim ou incompetente (TEIXEIRA, 2008).

O morfema -s pode marcar tanto plural como em *mochila* → *mochilas*, quanto pode marcar algum tipo de intensidade como *mais regalias* ou *mais dores* em que o nome em questão não individualiza múltiplas entidades, mas sim que ele indique grau através do morfema -s.

Pouco se sabe qual a extensão de trocas de contabilidade feita com nomes abstratos (HUSIC, 2020). Algo em comum entre os autores que já investigaram o assunto e que possui algum paralelo com coerções presentes em nomes concretos é a pouca disponibilidade de trocas que tomam um nome contável a massivo.

Vimos que em nomes concretos temos dois modos de transformar nomes massivos em contáveis: o *Universal Sorter* e *Packer*. Já a transformação de um nome contável para massivo se dá só de um modo: através do *Universal Grinder* e através de leituras específicas de volume e qualidade como vimos nos trabalhos de Stadtfeld (2013), para qualidade e Beviláqua e Pires de Oliveira (2016), para volume.

Com nomes abstratos, temos alguns modos de transformar um nome massivo em contável como o empacotador de eventos e *Universal Sorter*, além de outros não vistos aqui como a ancoragem de participante<sup>4</sup>. A passagem de

<sup>4</sup> Leve em consideração a seguinte sentença: “Ele não pode subestimar nossas inteligências.” Scott Grimm (2014) argumenta que tal frase possui uma ancoragem de participante, uma vez que o nome massivo inteligência está “ancorado” em mais de um participante, isto é, indivíduo. Portanto, nossas inteligências é uma entidade de inteligência presente na pessoa 1, pessoa 2... que juntas formam inteligências. Graças a ancoragem de “instâncias” de inteligência presente em vários indivíduos, o nome deixa de ser massivo e passa a contável.

um nome abstrato massivo para contável é mais rara. Vimos o Qualificador Episódico que acontece de modo muito restrito contextualmente (dois contextos em questão) e sintaticamente (com estrutura de comparação).

Resta saber quais são os outros tipos de coerção e quais deles permitem a passagem de nome contável para massivo.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Vimos que uma das principais abordagens que explica a distinção massivo-contável, a abordagem ontológica, só possui uma de suas propriedades que consegue dialogar com nomes abstratos e, mesmo assim, de maneira diferente de nomes concretos. A cumulatividade quantifica quantidade em nomes concretos, mas quantifica grau/intensidade com nomes abstratos.

Concluimos também que a individualização é um fenômeno que envolve a sintaxe, a semântica e a pragmática de uma língua. E que, assim como os nomes concretos, nomes abstratos podem ter sua natureza lexical modificada dependendo da sintaxe e do contexto.

Muito ainda deve ser feito para uma maior compreensão da contabilidade de nomes abstratos não só em português brasileiro, mas em todas as outras línguas.

### **Referências**

ALLAN, Keith. Nouns and countability. *Language*, v. 56, n. 3, 1980.

BEVILÁQUA, Kayron Campos; PIRES DE OLIVEIRA, Roberta. Muito In Brazilian Portuguese And The Mass-Count Grammar. *Revista da ABRALIN*, v. 15, n. 1, 2016.

BORER, Hagit. *In name only*. Nova Iorque: Oxford University Press on Demand, 2005.

BRINTON, Laurel. Aspectuality and countability: A cross-categorical analogy. *English Language & Linguistics*, v. 2, n. 1, 1998.

BUNT, Harry C. *Mass terms and model-theoretic semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

CHENG, Chung-Ying. Response to Moravcsik. In: Hintikka et al. *Approaches to Natural Language*, Berkeley: 1973.



CHIERCHIA, Gennaro. Mass nouns, vagueness and semantic variation. *Synthese*, v. 174, n. 1, 2010.

CONTINI-MORAVA, Ellen. Noun class as number in Swahili. In: KOERNER, Konrad. *Amsterdam Studies In The Theory And History Of Linguistic Science Series 4*, Amsterdã: John Benjamins, 2000.

GRIMM, Scott. *Number and individuation*. Tese de Doutorado, Palo Alto: Stanford University, 2012.

\_\_\_\_\_. Individuating the abstract. *Proceedings of Sinn und Bedeutung*, vol. 18, n. 18, 2014.

HUSIC, H. *On Abstract Nouns and Countability. An Empirical Investigation into the Countability of Eventuality Denoting Nominals*. Tese de Doutorado. Bochum: Ruhr-University Bochum, 2020

JACKENDOFF, Ray. Parts and boundaries. *Cognition*, v. 41, n. 1-3, 1991.

JOOSTEN, Frank. Accounts of the count–mass distinction: A critical survey. *Linguisticae investigationes*, v. 26, n. 1, 2003.

KHOKHLOVA, Natalia. Understanding of abstract nouns in linguistic disciplines. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, v. 136, 2014.

KRIFKA, Manfred. Nominal reference, temporal constitution and quantification in event semantics. *Semantics and contextual expression*, v. 75, 1989.

LIMA, Suzi. *The grammar of individuation and counting*. Tese de Doutorado. Amherst: Universidade de Massachusetts, 2014.

LINK, Godehard. The logical analysis of plurals and mass terms: A lattice-theoretical approach. In: PORTNER, Paul; PARTEE, Barbara. *Formal semantics: The essential readings*, Hoboken, John Wiley & Sons, 1983.

LYONS, John. *Semantics*. Vol. II. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

MOTTA, Alan de Sousa. *A individualização de nomes abstratos no português brasileiro*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2020.

MCCAWLEY, James D. Presupposition and discourse structure. *Syntax and semantics*, v. 11, 1979.

NELSON, Goodman. *The structure of appearance*. Cambridge: Harvard University, 1951.

PELLETIER, Francis Jeffry. Non-singular reference: Some preliminaries. In: PELLETIER, Francis Jeffry. *Mass terms: Some philosophical problems*. Dordrecht: Springer, p. 1-14. 1975.

\_\_\_\_\_. A bibliography of recent work on mass terms. In: PELLETIER, Francis Jeffry. *Mass Terms: Some Philosophical Problems*. Dordrecht: Springer, 1979.

QUINE, Willard Van. Carnap and logical truth. *Synthese*, v. 12, n. 4, 1960.

ROTHSTEIN, Susan. Counting and the mass/count distinction. *Journal of semantics*, v. 27, n. 3, 2010.

SANDALO, Filomena. Uma nota sobre medir e contar com palavras emprestadas do português no kadiwéu. *Revista Linguística*, v. 13, n. 3, 2018.

STADTFELD, Tobias. *Zur Bestimmung der Zählbarkeit deutscher Substantive*. Tese de Doutorado. Bochum, Univ.-Bibliothek Frankfurt am Main. 2013.

TEIXEIRA, Taize Winkelmann. *A forma e o uso dos sufixos -inho e -zinho em variedades do português do sul do Brasil*. Dissertação. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

WIERZBICKA, Anna. *The semantics of grammar*. Hoboken: John Benjamins Publishing, 1988.

*Submetido em: 17/01/2021*

*Aceito: 03/02/2021*